

MIGRANTE DE PESCA E A CIDADE

Marta Goreth Marinho Lima

Trabalhando durante dois anos com migrantes de pesca, na busca de compreender que ações empreendem os pescadores artesanais no processo migratório para Belém, identificou-se que os migrantes possuem desde a saída de seus locais de origem à chegada a capital do Estado o apoio de seus parentes e amigos, como estratégia de minimizar os custos no trajeto e sua permanência inicial em Belém. Estas estratégias, revelam traços culturais de seus locais de origem, onde as relações sócio-ambientais se davam de maneira diferente às realizadas na cidade como reciprocidade e auxílio mútuo no trabalho. Os laços de vizinhança reforçam a coesão social entre parentes e vizinhos distantes, além do uso de plantas medicinais, pajelança, possuindo um imaginário povoado de entidades mágicas. Na cidade, alguns destes traços culturais são impactados. Diante deste quadro, compreendemos que a migração além de uma mudança geográfica implica em mudança cultural. Nosso objetivo portanto, é verificar que traços culturais permanecem e/ou são redefinidos pelos migrantes e que significado possuem em seu cotidiano. Utilizamos como metodologia o trabalho de campo com observação direta, entrevistas formais e informais. Como instrumento de pesquisa utilizamos os relatos dos migrantes para o entendimento das relações e processos nesse campo, os quais apresentaremos no relatório final. Verificamos que os pescadores migrantes residentes em na ocupação de “Cubatão” no distrito de Icoaraci, utilizam ainda as relações de reciprocidade, como princípio social que reforça a ajuda mútua e a solidariedade no trabalho da pesca, em dificuldades econômicas e emocionais, bem como o uso de plantas medicinais e a pajelança embora quase inexistente mas eficaz para o tratamento algumas doenças como febre, gripe e mau olhado.

Orientadora: Lourdes Furtado, Departamento de Ciências Humanas.

Vigência da bolsa: agosto de 1997 a julho de 1998.